

Muitas em uma: negra, doméstica, ativista, graduanda

POR AILIM CABRAL E EDUARDO FERNANDES*

Neste domingo, 20 de novembro, é celebrado o Dia da Consciência Negra. A data, proposta na década de 1970 e oficializada nacionalmente em 2003, é dedicada à celebração e à reflexão sobre o valor e a contribuição da comunidade negra para o Brasil. A Revista busca, hoje, dar voz e visibilidade a um grupo ainda mais silenciado: as mulheres negras, em especial as que iniciaram a vida no trabalho doméstico.

Perfil traçado pelo Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas (Dieese) e divulgado em abril deste ano mostra que as mulheres representam 92% das pessoas ocupadas no trabalho doméstico no Brasil, e entre estas, 65% são negras — uma atividade desvalorizada e mal remunerada.

E como se não bastasse, a cor da pele dessas mulheres também é um fator determinante na



Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

questão salarial. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que, em 2020, as mulheres negras no serviço doméstico receberam 20% a menos do que as não negras.

E por que ainda vivemos neste cenário? A professora e doutora Lucélia Luiz Pereira, do Departamento de Serviço Social da Universidade de Brasília (UnB), explica que é necessário considerar que as desigualdades no Brasil estão ancoradas no colonialismo, no patriarcado e em classe social.

Considerando essas raízes danosas, o racismo continua sendo um dos grandes males da sociedade brasileira, levando à marginalização social das pessoas negras e a negação de direitos básicos. E na base dessa pirâmide social, Lucélia afirma, ancorada em dados estatísticos sobre escolaridade, ocupação, mortalidade, violência e encarceramento, estão as mulheres negras.

“O racismo estrutural molda as experiências de vida das pessoas negras e influencia de forma determinante em suas condições de vida e acesso a direitos sociais. Esse racismo é patriarcal e, por isso, as mulheres negras têm desvantagens em todas as dimensões da vida, como saúde, trabalho, educação, segurança”, afirma a professora.

E entre estas dimensões, está o mercado de trabalho. Essas mulheres ocupam postos de trabalho precarizados e mal remunerados e são maioria em

vários setores de empregos informais, como trabalhadoras domésticas e cuidadoras de idosos.

Passos adiante

Apesar de as desigualdades baseadas no Brasil Colônia ainda perseguirem a comunidade negra, a cada dia a luta antirracista avança um pouco mais por meio do ativismo de diversos movimentos negros.

“O feminismo negro e os movimentos são fundamentais. É importante dar visibilidade ao protagonismo das mulheres negras nas transformações sociais e políticas que marcam a sociedade, porque elas são sujeitos políticos fundamentais na construção de políticas públicas de combate às desigualdades e de acesso a direitos sociais”, completa.

É nessas mulheres, que por meio da sua voz, resiliência e persistência mudaram suas trajetórias e buscam auxiliar e fortalecer outras como elas, que focamos a nossa reportagem. Três mulheres negras que iniciaram a vida, durante a infância ou a adolescência, no trabalho doméstico, mas não abandonaram os estudos ou as possibilidades de conseguirem colocações mais justas, contam suas histórias. Conheça Janáina, Maria e Edilene.

*Estagiário sob a supervisão de Sibele Negromonte